

## **A CABANA DO PAI TOMÁS, DE HARRIET STOWE, E A ESCRAVA ISAURA DE BERNARDO GUIMARÃES: UMA COMPARAÇÃO**

Hugo Lenes Menezes (Universidade de São Paulo – USP) <sup>1</sup>

Relacionando o antilusitanismo ao rousseunismo, contrário aos abusos do Estado social, o nacionalismo brasileiro encontrou um símbolo no índio, enquanto mito, distante da realidade, porém equiparado aos heróis medievais europeus. Gonçalves Dias, embora nacionalista, não foi lusofóbico. José de Alencar, dialogando com o norte-americano Cooper, de *O último dos moicanos* (1826), dialogou também com o francês Chateaubriand e os seus índios da América do Norte. Com a escravidão negra, na América Portuguesa repetiu-se a importação temática, pois foi depois da publicação da narrativa *A cabana do pai Tomás* (1851-1852), também conhecida como *A vida dos negros na América*, ou *A vida entre os humildes*, da ianque Harriet Beecher Stowe, que, dentro da Diáspora Africana, os brasileiros tematizaram o negro escravizado. Tal narrativa foi primeiramente publicada de forma serial por um jornal antiescravagista de Washington e utilizada, igualmente à poesia de Castro Alves, contra o indianismo, visando colocar em destaque a escravatura. Assim sendo, no presente trabalho, empreendemos uma breve comparação entre a aludida história de escravidão estadunidense e um romance do escritor brasileiro Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura* (1875), que, logo após o seu lançamento, a edição de 29 de maio do *Jornal do Comércio* comparou favoravelmente à produção norte-americana, quando declarou o seguinte: “*A escrava Isaura* pode bem rivalizar com a célebre *Cabana do pai Tomás*” (MAGALHÃES, 1926, p. 183).

No contexto literário-abolicionista brasileiro, em meio àqueles intelectuais que se propunham a demonstrar, junto ao seu povo, a dignidade humana do grupo étnico proveniente da África, uma cumplicidade compreensível e até inevitável com os prejulgamentos arraigados na mentalidade da época, no pensamento dominante naquele período, refletia-se, com frequência, na representação em prosa e verso do negro escravizado. A título de ilustração, apresentando a obra *A escrava Isaura* e reconhecendo existir, na crítica especializada, a recorrência de um paralelo intertextual entre a mencionada narrativa bernardiana e o romance *A cabana do pai Tomás*, Cavalcanti Proença assinalou que:

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [hugolenesmenezes.cori@hotmail.com](mailto:hugolenesmenezes.cori@hotmail.com)

O próprio Bernardo Guimarães que, em vários momentos, inclui digressões parentéticas antiescravagistas (...), não foge ao preconceito que inconscientemente recebe do ambiente. Ao comentar o caso do senhor devasso, libertino e cruel, que “tendo a seu favor a lei e a autoridade, o direito e a força”, vai retomar a escrava que fugira no assédio de sua libidinagem, conclui: “Assim, por uma estranha aberração, vemos a lei armando o vício e decepando o braço à virtude”. Entretanto, apesar desses belos e justos conceitos, censura claramente a presença de Isaura, uma escrava, no baile da alta sociedade do Recife. Preconceito inconsciente... (PROENÇA, s.d., p. i-vii).

Na mesma direção da afirmativa supracitada, a primeira escritora a entrar para a Academia Brasileira de Letras (ABL), Rachel de Queiroz, tomando assento na Casa de Machado de Assis, à cadeira nº 5, que tinha sido ocupada também por Bernardo Guimarães, em seu Discurso de Posse, igualmente sublinhou, com relação ao autor de *A escrava Isaura* e a esse romance em comparação ao texto *A cabana do pai Tomás*, certas contradições, as quais, por sua vez, remetiam aos próprios conflitos ideológicos da época, às inconsistências referentes ao modo de a sociedade brasileira oitocentista estruturar-se. Vejamos:

(...) Combatendo embora a vergonha do cativo, não ousou enfrentar os tabus da época; fazia restrições racistas, como, aliás, as faziam todos os outros adversários da escravidão - piedosos, paternalistas, levados por sentimentos caritativos (...). Por exemplo, no seu mais famoso romance, *A escrava Isaura*, escrito como libelo veemente contra a escravidão (e indiscutivelmente bastante superior ao célebre e lacrimogêneo *A cabana do pai Tomás*, de Mrs. Beecher Stowe), Bernardo Guimarães não ousa apresentar na heroína uma moça negra, como seria razoável, talvez, mas inadmissível para o público de senhores e sinhás a que se dirigia. Isaura é branca, pelo menos, na aparência, a sua pinta de sangue negro é completamente disfarçada em sinais de beleza (QUEIROZ, 2008, p. 3).

Percebemos que Isaura sempre mereceu a atenção do leitorado por ser (a despeito da sua condição de serva) aparentemente branca. Como apropriadamente realçou Alfredo Bosi: “Apesar de algumas palavras sinceras contra as distinções de cor (cap. XV), toda a beleza da escrava é posta no seu não parecer negra, mas nívea donzela, como vem descrito desde o primeiro capítulo” (1997, p. 159), enquanto a sua antagonista, a mucama Rosa, era mostrada com uma bela e típica mulata, o que provocou no público uma aversão por essa escrava afrodescendente e um sentimento de dó e solidariedade pela escrava Isaura, de cor

branca. E no rumo da assertiva referida, Carlos Alberto Veichi também acentuou que: “As críticas que procuram invalidar ou fazer oscilar o libelo antiescravagista de Bernardo Guimarães se apoiam no fato de que Isaura é de sangue negro, mas não parece negra, apresentando todas as características físicas de uma branca” (1997, p. 162).

Da sua parte, pai Tomás, pelo menos, era negro (e retinto). Mesmo assim, a obra *A escrava Isaura* foi considerada uma espécie de réplica brasileira da narrativa ianque, haja vista, entre outros aspectos, a história paralela da coprotagonista norte-americana, a escrava Elisa, a qual, assim como Isaura, era uma mestiça de pele alva e recebeu uma educação de moça branca, sendo ambas as produções literárias organizadas “de acordo com o modelo de romance posto em voga nas letras inglesas do século XVIII: simultaneidade de conflitos dramáticos em torno de um centro, procurando conciliar os episódios com o desenho das personagens num crescendo para um desenlace que não deixa margem ao prosseguimento da ação” (MOISÉS, 2001, p. 491).

Nesse âmbito, Wilson Martins (1992, p. 461) chegou a dizer que *A cabana do pai Tomás*, exatamente por ser um romance excessivamente sentimental, repleto de incidentes melodramáticos, coincidências inacreditáveis, conquistou (assim como *A escrava Isaura*) uma recepção estrondosa, consagrando-se como “o folhetim da escravidão”. Encontrado no período estilístico do romantismo, o *romance sentimental* apresentava narrativas desoladoras com a finalidade de sensibilizar o público leitor. Rotulado de menor, esse gênero, na contemporaneidade, passou a ser valorizado por determinadas correntes dos estudos literários, tendo evoluído para a crítica social e sendo assimilado pelos “folhetins da escravidão”, como *A cabana do pai Tomás* e *A escrava Isaura*, enquanto meio estratégico e persuasivo.

Como observamos, a arte verbal não excluiu o negro, mas quando o colocava em ação, fazia-o geralmente reduzindo a sua configuração a um de dois tipos básicos, de acordo com a conveniência da ocasião e a conjuntura: de um lado, o tipo do negro escravizado dócil, passivo, infantilizado, com uma fidelidade canina para com o homem branco, capaz até do autossacrifício em favor do seu dono; de outro lado, o tipo do negro escravizado traçoeiro, rebelde, feroz, vingativo e demonizado. Pai Tomás se revelou o estereótipo do cativo conformado com a sua situação social.

Grande parte da ficção literária apresentando tal configuração do africano escravizado surgiu depois do romance *A cabana do pai Tomás*. No transcurso de todo o século XVIII e em parte do século XIX, o negro na literatura ora era bom, virtuoso e nobre,

ora mau, cruel, depravado. Com o folhetim de Harriet Beecher Stowe, a exemplo do que tinha acontecido com o mito do bom selvagem de Rousseau, ascendeu o mito do negro dócil. Por isso, nos últimos tempos, caiu o conceito do espírito abolicionista daquela autora na América, visto que ela recebeu pesadas críticas quanto à composição do seu protagonista pai Tomás. Ativistas negros declararam ser tal personagem resignada e submissa demais, não constituindo, portanto, modelo de herói para eles. Inclusive, a leitura da narrativa em questão foi banida dos colégios por trazer o vocábulo “nigger”, termo para “negro” considerado pejorativo nos Estados Unidos, chegando a ser a maior afronta a um afrodescendente nesse país a expressão *pai Tomás*, que se converteu em sinônimo de conformismo diante da condição inferior imposta pelo preconceito.

Mas ainda no vizinho século XX, deparamos com semelhante concepção paternalista do africano escravizado em mais uma obra de ressonância mundial, enquanto *best-seller* sob a forma de romance, de autoria de outra estadunidense, Margaret Mitchell. Falamos de *...E o vento levou* (1936), história protagonizada por Scarlett O’Hara, moça de família escravocrata, empenhada em recuperar a propriedade em Tara, Geórgia, depois da Guerra da Secessão. Nessa narrativa, o cativo negro foi:

Descrito (...), pelas personagens e pelo narrador, como alguém muito bom e ingênuo que necessitaria sempre da figura de seus donos para ensiná-lo e guiá-lo na vida. O negro seria como filho e seus donos seriam seus pais (...). A narrativa mostra uma visão sulista da trajetória do negro (...). Antes da guerra, ele serve cegamente seus senhores, obedece a tudo. (...) Durante a guerra, o negro é mostrado servindo em batalhas por seus senhores, ou seja, o negro era obrigado a lutar contra o norte e, portanto, contra a própria abolição. Scarlett O’Hara encontra escravos lutando na guerra e eles se mostram muito honrados com isso. (...) Quando a guerra termina, acaba a escravidão, mas isso não impede muitos sulistas de continuarem a ter escravos. A própria Scarlett continua mantendo seus escravos mais próximos. No livro é afirmado, várias vezes, pelas personagens ou pelo próprio narrador, que bom negro era aquele que continuava a ser escravo depois da escravidão, que sabia ser agradável aos donos... (FONTES, 2009, p. 5)

Por outro lado, ainda antes do lançamento em livro de *A cabana do pai Tomás* (1832), obra que, como dissemos, fez multiplicar o retrato do negro servil, desse último o romancista parisiense Eugène Sue criou uma magnífica sátira em *Atar-Gull, ou a implacável vingança de um escravo*, romance marítimo publicado em 1831. Herói negro, dotado de um

físico e de uma força excepcionais, inteligente, frio, rancoroso e dissimulado, Atar-Gull, que se vingou cruelmente de um ato hediondo praticado contra ele pelo seu senhor, reconhecemos como um verdadeiro anti-pai Tomás.<sup>2</sup>

No enredo de *A escrava Isaura*, Bernardo Guimarães ainda configurou a protagonista nos moldes da cativa subserviente, mas nem tão quanto o pai Tomás, já que ela, ao lado do seu progenitor, aceitou fugir, atitude que o escravo norte-americano jamais ousou tomar para si. Além disso, o escritor brasileiro também avançou quando não fez Isaura infantilizada, como Tomás, e muito menos imbecilizada, como tipos que verificamos, por exemplo, em *...E o vento levou*, embora a formação discursiva científica de então não reconhecesse a perfeita cognição dos mestiços e negros.

Além de transpostas para o cinema, as produções *A cabana do pai Tomás* e *A escrava Isaura* mereceram as atenções da teledramaturgia brasileira: o romance de Harriet Beecher Stowe originou uma adaptação, ou como modernamente devemos dizer, uma tradução intersemiótica, de autoria de Hedy Maia, Péricles Leal e Walter Negrão, sob a forma de folhetim eletrônico homônimo, telenovela ou ainda, conforme classificada nos Estados Unidos, uma série dramática, exibida pela Rede Globo de Televisão, entre julho de 1969 e

---

<sup>2</sup> Entre nós, no tocante ao autor de *Atar-Gull, ou a implacável vingança de um escravo*, além de ter inspirado, com o seu “Canto dos filhos de Agar”, o poema “Bandido negro”, de Castro Alves, na bernardiana “Uma história de quilombolas” (1871), publicada em pleno ano da Lei do Ventre Livre e às vésperas da independência política do Brasil, a nosso ver Eugène Sue se fez ecoar, através da sua criação Atar-Gull, na figura de Joaquim Cassange, o Zambi, chamado de Zumbi por Raymond Sayers, para quem tal líder da comunidade de cativos refugiados constituiu o mais interessante dos caracteres de tal narrativa brasileira e foi pintado como: “Um negro colossal, com um semblante a um tempo sinistro e inteligente. Ele reponta na história como um hábil mas impiedoso chefe, justo para com os amigos e inimigos, mas inclemente para com os traidores. E a ele também não é atribuída nenhuma das qualidades que outros escritores associam aos negros – não é o africano sensual, nem o escravo fiel, nem o mulato trapaceiro” (SAYERS, 1958, p. 349-350). Muito semelhante a Atar-Gull mostrou-se a personagem-título do romance-folhetim bernardiano *O índio Afonso* (1872-1873), um cafuzo de estatura colossal: “(...) herói de soberba compleição física, bandido sem banditismo, no sentido corso, porque fora da lei, depois de ter feito justiça por suas próprias mãos contra aquele que supunha ter causado a morte da sua irmã (...), o índio Afonso praticara justiça, mas com inominável ferocidade” (ALPHONSUS, 1952, p. 96). Do mesmo modo, no romance histórico centrado na Guerra dos Emboabas, *Maurício, ou os paulistas em São João del rei* (1877), continuado por *O bandido do rio das Mortes* (1905) e assentado nos inícios da exploração de minérios no Brasil, atividade em que muitos africanos escravizados trabalharam no estado natal de Bernardo Guimarães, esse apresentou, na oportuna observação de Raymond Sayers, um: “Escravo hercúleo que, apesar dos maus tratos do seu avarento senhor português, suporta tudo isso durante longo tempo. Quando, finalmente, o senhor o ultraja de maneira descomedida, ele o ataca, o mata e foge para organizar um bando de escravos foragidos, pondo-se ao lado dos *desbravadores* paulistas contra os portugueses” (1958, p. 348. O itálico é nosso).

março de 1970. O romance de Bernardo Guimarães, em 1976, também pela Rede Globo e numa adaptação de Gilberto Braga, veio a ser uma das telenovelas brasileiras de maior sucesso no exterior, conferindo notoriedade internacional a Bernardo Guimarães. Vinte e nove anos depois da primeira adaptação, *A escrava Isaura* foi objeto de outra bem sucedida transposição televisiva, realizada por Tiago Santiago na Rede Record.

A respeito do grande sucesso de público de *A cabana do pai Tomás* e *A escrava Isaura*, cujos protagonistas se revelaram puros e íntegros, um comentário que Cavalcante Proença fez sobre essa última história chamou a nossa atenção: “Os motivos que compõem o romance são filiados aos velhos e perenes topos da literatura popular (...)” (1974, p. 37). Entre semelhantes temas recorrentes, quando do delineamento do perfil da protagonista bernardiana, identificamos um tópico da tradição falada medieval. Referimo-nos ao motivo da donzela inexpugnável, que, conforme demonstrou o romance inglês *Pamela, ou a virtude premiada* (1740), de Samuel Richardson, não cedia, sob nenhuma hipótese, às investidas luxuriosas de qualquer pretendente, nem que ele fosse proprietário do corpo dela, a exemplo do que ocorreu com Isaura, a qual, juntamente com Álvaro, formava um apaixonado casal que nunca manifestou desejos sexuais, acontecendo o mesmo com o pai Tomás e a sua esposa, mãe Cloé, embora possuíssem uma prole.

Tomás e a sua mulher, um casal de cor mais velho, dedicaram-se a criar com prazer as crianças da família dos seus donos. Na verdade, Tomás foi descrito quase como um eunuco. E ainda quanto a Álvaro, no capítulo XI de *A escrava Isaura*, que, igualmente ao romance *A cabana do pai Tomás*, articulou fervorosamente o discurso cristão, ficamos sabendo pelo narrador que o amado da protagonista bernardiana queria as mulheres “com certo platonismo delicado, certa pureza ideal” e que era: “Original e excêntrico como um rico *lord* inglês, professava em seus costumes a pureza e severidade de um *quaker*” (GUIMARÃES, 2003, p. 63). Devemos lembrar que os *quakers*, membros de um grupo religioso protestante fundado na Inglaterra do século XVII, foram grandes abolicionistas, como Álvaro, e no enredo de *A cabana do pai Tomás* deram contribuição decisiva para a libertação de negros e mestiços escravizados, como vimos na fuga de Elisa e seu filho, por meio da travessia de um rio, episódio sobre o qual o pesquisador norte-americano Raymond Sayers assim se manifestou:

A famosa fuga de Isaura, de Bernardo Guimarães, (conduzida por um capitão de navio negreiro de livre trânsito) de Campos de Goitacazes para o Recife, foi talvez sugerida pela fuga de

Elisa, através dos gelos flutuantes de Ohio para a liberdade no Norte e por fim no Canadá. Houve escravos fugitivos no Brasil, mas o refúgio eram os *quilombos*, e não terras distantes, salvo nos últimos anos da escravidão. Sendo a potamografia brasileira e os meios de comunicação o que eram, difícil seria para Bernardo Guimarães encontrar inspiração para a fuga na realidade (1958, p. 317-318).

Já Norwood Andrews Junior, outro estudioso norte-americano, em ensaio no qual comparou os dois romances bernardianos de cenas de escravidão, *A escrava Isaura* e *Rosaura, a enjeitada* (1883), a certa altura, quando questionou uma apontada influência de *A cabana do pai Tomás* sobre a história da cativa branca brasileira, entendeu que:

O julgamento de Sayers aqui bem pode está correto, mas a questão da influência tem apenas importância secundária. O maior propósito da viagem de Isaura, embora por mais irreal que pareça ser, é a oportunidade de introduzi-la em contextos onde ela seja completamente desconhecida e onde ela possa se misturar às damas da alta sociedade como suas iguais, sob o enfoque de *A escrava Isaura* enquanto panfleto político, documento social. Guimarães dificilmente teria alcançado o mesmo efeito se tivesse escolhido que Isaura fosse se refugiar num quilombo (ANDREWS JUNIOR 1966, p. 250-251).

Além de ser, para Norwood Andrews Junior, de somenos importância a possível “influência” do folhetim da escravidão *A cabana do pai Tomás* sobre a obra *A escrava Isaura*, em língua portuguesa, o primeiro romance-folhetim versando acerca do chamado regime servil, eufemismo para cativo, não localizamos no Brasil nessa publicação bernardiana, mas sim, sob a autoria de Pinheiro Guimarães, em *O comendador* (1856), que mereceu simpática apreciação de um amigo íntimo do criador de *A escrava Isaura*, Álvares de Azevedo, e foi dado à luz pelo *Jornal do Comércio*, na sede do Império, depois da extinção do tráfico de africanos.

Por fim, julgamos que, no presente contexto, não deveríamos trabalhar com a ideia de influência, pressupondo a superioridade de uma personalidade literária em relação à outra, e sim com a ideia de o escritor brasileiro estar em diálogo com a autora estadunidense.

## REFERÊNCIAS

- ANDREWS, Norwood. Two nineteenth-century brazilian polemics: A critical appraisal of Bernardo Guimarães: *A escrava Isaura* and *Rosaura, a enjeitada*. In: *Revista de Letras*. Assis: UNESP, v. 8-9, 1966.
- ALPHONSUS, João. “Bernardo Guimarães – Romancista regionalista”. In: HOLLANDA, Aurélio Buarque (Org.). *O romance brasileiro (1752 a 1930)*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1952.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 2003.
- MAGALHÃES, Basílio de. *Bernardo Guimarães (esboço biográfico e crítico)*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1926.
- MARTINS, Wilson. Memórias do tempo presente. In: *História da inteligência brasileira*. Vol. II. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: das origens ao romantismo*. Vol. I. São Paulo: Cultrix, 2001.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. Introdução. In: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura – Série Edições de Ouro*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.
- QUEIRÓS, Rachel de. *Discurso de Posse na ABL*. [http://rebra.org/escritora/escritora\\_ptbr.php?assunto=texto&id=1001](http://rebra.org/escritora/escritora_ptbr.php?assunto=texto&id=1001). Consulta em 24 de junho de 2014.
- SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Trad. de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1958.
- STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's cabin*. Oxford: Oxford University, 2001.
- VECHI, Carlos Alberto. “*A escrava Isaura: uma ópera em três atos - Prefácio*”. São Paulo: FTD, 1997.